

BRANFORD MARSALIS

Um grande no Guimarães Jazz

ESPECIAL FESTIVAIS

[ENTREVISTAS] ANA PAULA SOUSA

E TAYLOR HO BYNUM

[PERFIL] SUSANA SANTOS SILVA



Susana Santos Silva



PERFIL

Susana Santos Silva tem 30 anos e é uma das raras presenças femininas no jazz nacional. E não, não é cantora. É trompetista. Confrontada habitualmente com essa realidade, refere que não é algo que a incomode: «É verdade que já me perguntaram algumas vezes se era cantora e claro que já ouvi alguns comentários, mas nunca desagradáveis ou intimidatórios», diz. O facto de tocar trompete motiva até reacções de espanto: «Quando digo que toco trompete a reacção das pessoas é de surpresa, mas sempre positiva. Eu cresci dentro desse mundo predominantemente de homens e convivo com essa realidade muito bem. É o que é... É o que sou...»

texto ANTÓNIO BRANCO
fotografia CARLOS AZEVEDO

Nasceu no Porto e teve a felicidade de ter um avô que era músico amador, na Banda Marcial da Foz do Douro, fundada pelo seu trisavô. «Tocava trompete e ensinou aos sete netos as primeiras notas de música», recorda. A escolha do trompete não será naturalmente alheia a este facto: «Senti-me desde logo atraída por esse instrumento tão poderoso e fascinante. A verdade é que, embora seja um instrumento difícil e que me provoca por vezes sérias dúvidas existenciais (risos), não consigo imaginar-me a dedicar a minha vida a outro.»

Aos 8 anos teve o seu primeiro concerto com a Filarmónica e aos 10 entrou no Conservatório de Música do Porto, curso que concluiu em 1998. Foi então que entrou para a Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), depois de ter frequentado Engenharia Civil durante dois anos. O universo da música foi progressivamente ganhando terreno. «Foi-se entranhando sem eu dar por isso. Quando acabei o conservatório e frequentava o segundo ano de engenharia, decidi concorrer à ESMAE», conta. No penúltimo ano nesta escola participou numa “masterclass” com o trompetista Reinhold Friedrich, «um músico incrível e um ser humano fantástico», que a aceitou de imediato como estudante de Erasmus na sua classe em Karlsruhe (na Staatliche Hochschule für Musik, onde também estudou trompete barroco). «Foi um período muito intenso e muito importante, no qual aprendi, além das componentes técnicas do instrumento, a verdadeira essência do ser músico, do fazer música pela música, com alma e sem medo de falhar», afirma a trompetista. «A classe era constituída por trompetistas de várias nacionalidades e a convivência resultou muito saudável. Foi uma experiência única que guardarei para sempre e cujos frutos continuo a colher.»

Quando se preparava para estender a estadia na Alemanha, apercebeu-se de que o que realmente queria era «estudar jazz e aventurar-me nesse mundo da improvisação, quebrar correntes e ultrapassar as fronteiras da música escrita». Regressou então ao Porto, onde re-ingressou na ESMAE, desta vez no curso de jazz, que concluiu no ano passado. Apesar de no Conservatório ter frequentado uma cadeira de introdução ao jazz, este não foi, refere, «amor à primeira vista, mas desde sempre me conseguiu seduzir», revela Susana. O primeiro contacto deu-se através da Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM). «No final do meu último ano fizemos uma audição e na plateia estava Carlos Azevedo. Foi ele que me levou para a OJM. Foi talvez aí que o enamoramento começou... até hoje.» O seu percurso – até então dedicado à música erudita e à aprendizagem da técnica do instrumento – sofreu o decisivo desvio: «A experiência de tocar com a OJM e com todos os músicos extraordinários que por lá têm passado é tão enriquecedora e arrebatadora que facilmente percebi que era por aí que queria seguir.» Considera que esta formação tem sido «uma verdadeira escola».

No jazz não há “sexo fraco”. Em Portugal, porém, ainda se contam pelos dedos de uma só mão as mulheres com carreira visível neste domínio. A jazz.pt foi ao encontro de uma das poucas. Quisemos saber da sua experiência com a Orquestra Jazz de Matosinhos, do seu quinteto e de outros projectos.



Para saber mais
www.myspace.com/susanasantossilva

Discografia
Lee Konitz-Ohad Talmor Big Band feat.
Orquestra Jazz de Matosinhos: "Portology"
(Omnitone, 2007)

Orquestra Jazz de Matosinhos:
"... Invites Chris Cheek"
(Fresh Sound New Talent, 2006)

Carlos Azevedo Ensemble: "Lenda"
(CulturPorto-Público, 2000)

«É muito bom quando fazemos parte de um grupo de 17 músicos que funciona como uma família, partilhando-se momentos de boa música e alguns de puro êxtase», salienta. Como pontos altos não se cansa de referir a oportunidade de ter tocado, em Nova Iorque, com Lee Konitz no Carnegie Hall, em 2007 («quando se pisa e partilha o palco do Carnegie Hall com o Konitz tudo faz sentido e esta vida de músico vale mesmo a pena») e as quatro noites no Jazz Standard (em 2009), momentos que diz estarem entre as experiências mais gratificantes que já viveu. Mas aponta outros: «Ser dirigida por Maria Schneider e tocar a música encantadora que ela escreve. Ter tocado a música de John Hollenbeck. Todos os concertos que a OJM fez com Chris Cheek e Mark Turner.»

«Estou à procura e espero que essa procura seja uma constante em toda a minha vida. Quando se pára de procurar é porque tudo já acabou...»

Miles Davis foi o primeiro trompetista que ouviu e "Kind of Blue" o primeiro disco de jazz que comprou e que ouviu «vezes e vezes sem conta». Menciona outras referências, como Freddie Hubbard («talvez o trompetista que mais me conquistou»), Dizzy Gillespie, Kenny Dorham, Clifford Brown, Lee Morgan, Fats Navarro e Woody Shaw, mas «sem poder dizer que estes mestres do trompete me tenham influenciado verdadeiramente». Cedo percebeu que a expressão da sua música não passaria «pelo uso da linguagem do jazz mais tradicional, de cariz marcadamente americano», revelando outros nomes que a marcaram de forma mais profunda: «Das minhas mais importantes referências enquanto intérprete e compositor é Kenny Wheeler, de quem gosto particularmente. Dave Douglas é um dos trompetistas que ouço com mais interesse e atenção. A sua capacidade criativa é impressionante.» Também se diz influenciada por não-trompetistas, como Chris Cheek («alguém que me surpreende a cada nova melodia que cria e desenvolve, um verdadeiro contador de histórias»), Mark Turner, Keith Jarrett, Brad Meldhau, Wayne Shorter e o já mencionado Lee Konitz.

Entre os trompetistas portugueses refere os nomes de Laurent Filipe («em quem admiro o som e o fraseado») e de João Moreira («respeito-o muito enquanto músico»). Encara a tradição jazzística «como rampa de lançamento para o que está para além do passado e do agora.» E reforça: «Estou à procura e espero que essa procura seja uma constante em toda a minha vida. Quando se pára de procurar é porque tudo já acabou...». Deixa claro: «É preciso seguir o caminho do futuro.» Além da OJM, a trompetista integra ainda uma outra orquestra, a European Jazz Orchestra, que junta músicos oriundos de Portugal, da Eslovénia e da Alemanha. A solo, o principal projecto é o quinteto que lidera. «Formei-o no último ano da ESMAE, pela necessidade de me exprimir enquanto músico e de poder tocar com os músicos que admiro. Em 2007, convidei Zé Pedro Coelho para tocar o saxofone, Eurico Costa a guitarra, Miguel Ângelo o contrabaixo e Marcos Cavaleiro a bateria. Gostei muito de trabalhar com eles e muito lhes tenho a agradecer por estarem comigo e contribuírem para que a minha música tenha tomado forma e vida», realça Susana Santos Silva. Com a ida para Roterão, em Outubro de 2008, onde foi fazer o mestrado em Jazz Performance, o quinteto ficou em banho-maria, até há alguns meses. «Agora decidi recomençar, com André Fernandes na guitarra e Demian Cabaud

no contrabaixo. Estou muito contente por poder partilhar o palco com estes músicos que muito admiro e respeito.» Gravar o quinteto não passa, para já, de um sonho. «Espero que um dia destes o sonho passe a plano e então que possa finalmente acontecer.» Referindo ser «complicado» assumir-se como compositora do seu próprio repertório, afirma que procura, acima de tudo, «ser fiel a mim mesma e verdadeira... é isso que procuro quando me atrevo a compor.» Insistimos no assunto: «São sentimentos um pouco contraditórios, os que sinto em relação a isso. Por um lado acredito profundamente que devemos desenvolver, também na composição, a nossa verdadeira essência, sem tentarmos ser alguém que não somos ou copiando alguém em quem não acreditamos.» Para além da actividade como instrumentista e compositora, Susana Santos Silva também lecciona na Jazz ao Norte, onde procura transmitir aos alunos valores como a honestidade «com a música e com eles próprios.» Nos seus horizontes mais próximos estão a conclusão do mestrado e a escrita de música para o quinteto e para um trio. «Gostava de ter oportunidade de tocar com pequenas formações e de tocar regularmente, de forma a haver uma evolução pessoal e colectiva. E gostava igualmente de concretizar um plano feito em duo com uma pianista eslovena, Kaja Draksler. A ver vamos...» ●



Som da Surpresa

30. OUT (SEX) 22h
ROSARIO GIULIANI QUARTET (ITA)

31. OUT (SÁB) 22h
ENRICO RAVA NEW QUINTET (ITA)

05. NOV (QUI) 22h
MIGUEL ZENON QUARTET (EUA)

06. NOV (SEX) 22h
DUO MÁRIO LAGINHA
- BERNARDO SASSETTI (POR)

Audatório Municipal Ruy de Carvalho
Carnaxide

250 anos
Oeiras

APOIOS **europa** 90.4fm

ANTENA **2**

INFOR. 214.408.582/24 | paulo.afonso@cm-oeiras.pt | www.cm-oeiras.pt